

O álcool e o alcoolismo na obra de Monteiro Lobato de 1918. *Urupês* e *Problema Vital*: uma análise à luz do movimento eugênico da época

Araci Asinelli da Luz*

Apresentação

José Bento Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, a 18 de abril de 1882. Bacharelou-se em Direito pela Academia de São Paulo, para satisfazer a vontade de seus pais. Tinha grande vocação para a pintura. Segundo ele, desenhou antes de falar.

Para Artur Neves, que prefaciou a obra de comemoração do 25.º aniversário da estréia do escritor, em vez de pintar com tintas, passou a pintar com palavras.

E a pintura escrita de Monteiro Lobato é excepcionalmente boa — larga, sem insistência em detalhes inúteis e de pinceladas elegantes (...) Nos contos de *Urupês* esbarramos amiúde com as excelentes paisagens que seu pincel não pintou mas a pena o fez. (p. xiv)

Um dos grandes méritos de sua arte é que cada paisagem sua é documento dum naturalista, mesma acuidade que obtém no desenho dos tipos

* Professora do Departamento de Métodos e Técnicas da Educação da Universidade Federal do Paraná.

humanos. Monteiro Lobato é o escritor brasileiro considerado a maior figura da literatura infantil. Foi editor e incentivador da siderurgia e da exploração petrolífera no Brasil. Fundou a Cia. Editora Nacional em 1925. Entre 1927 e 1931, foi adido comercial do Brasil em Nova Iorque. Fundou a Cia. de Petróleo do Brasil, em 1931. Foi preso e exilado durante o Estado Novo por criticar a política de petróleo do Governo Getúlio Vargas.

Em 1931, ao retornar dos Estados Unidos, disse: “O petróleo é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna; é o segredo da riqueza dos grandes países; é a eficiência do poder militar; é a soberania; é a dominação. Tê-lo, é ter o sésamo, abridor de todas as portas. Não tê-lo é ser escravo”. (p. xxxi)

A obra de Monteiro Lobato é uma obra de denúncia sistemática e implacável; denúncia da falseação política, denúncia do estado de abandono das populações do interior (*Problema vital*); denúncia da “ignorância e patifaria do governo” (*Mr. Slang e o Brasil*); denúncia da sabotagem das riquezas do subsolo feita pelo “oficialismo a serviço do imperialismo” (*O escândalo do petróleo*); denúncia dos “snobismos e da macaquice do granfinismo” (*Idéias de Jeca Tatu*); denúncia das fraquezas nacionais.

Seu personagem mais famoso foi Jeca Tatu, que personifica a apatia e o conformismo do homem do campo. A repercussão que teve a sua denúncia do caboclo, no artigo “Urupês”, levou-o a dar esse nome ao seu primeiro livro de contos. Urupês é um cogumelo. Monteiro Lobato compara o caboclo ao pau podre que vegeta no sombrio das matas, e dá-lhe o nome: Jeca Tatu.

A respeito de Jeca Tatu, escreveu Rui Barbosa:

É o sombrio urupê de pau podre, o modorrar silencioso no recesso das grotas. Não fala, não canta, não ri, não ama, não vive. (...) Não sei bem senhores, se no tracejar deste quadro, teve o autor só em mente debuxar o piracuara do Paraíba e a degenerescencia inata da sua raça. Mas a impressão é que, neste símbolo de preguiça e fatalismo, de sonolencia e imprevisão, de esterilidade e tristeza, de subserviência e hebatamento, o genio do artista, refletindo alguma coisa do seu meio, nos pincelou, consciente ou inconscientemente, a síntese da concepção que tem, da nossa nacionalidade pelos homens que a exploram. (p. xxix)

Esta crítica de Rui Barbosa chamou a atenção para a obra e várias edições tiveram que ser tiradas para suprir a demanda. A 1.^a edição, de mil

exemplares, saída em agosto de 1918, esgotou-se em poucos dias. A 2.^a, de dois mil exemplares, esgotou-se num mês e a 3.^a, de quatro mil exemplares, saiu no final de 1943. Os contos de *Urupês* foram escritos todos na fazenda do Buquira.

A publicação de *Problema vital*, objeto de análise neste estudo, foi promovida pela Sociedade Eugênica de São Paulo, como primeiro ato de sua fundação, a pedido do Dr. Renato Kehl, seu presidente, junto com a Liga Pró-Saneamento do Brasil, em 1918.

Monteiro Lobato morreu em São Paulo, em 1948.

Introdução

As obras de Monteiro Lobato *Urupês* e *Problema vital*, publicadas no auge do movimento eugênico no Brasil, a segunda sob a tutela da Sociedade Eugênica de São Paulo, devem carregar em sua essência questões ligadas ao tema, tendo em vista a grande preocupação com a melhoria da raça. Por isso foram escolhidas como objeto deste estudo. Além do mais, Monteiro Lobato primou em sua obra pela crítica social, retratando aspectos do racismo, da pobreza, do descabro político, da precariedade da saúde do brasileiro do interior, entre outros.

Bizzo (1994) afirma que para seu próprio espanto encontrou “evidências significativas de que Lobato acreditava na eficácia e na propriedade das políticas eugênicas para o progresso nacional, inseridas no âmbito das ações de saneamento”. (p. 101)

Sendo o abuso do álcool e a doença do alcoolismo fatores ligados à degenerescência da raça, buscou-se verificar, nas obras de Monteiro Lobato publicadas em 1918, referência ao assunto e sua significação para as questões de eugenia.

Problema vital compõe-se de quinze contos que retratam, em sua maioria, situações ligadas ao saneamento básico, ilustrando as principais doenças parasitárias com os quais convive a população sertaneja à época. Destes, faremos referência aos seguintes contos, analisados na primeira parte: “A ação de Oswaldo Cruz”; “Dezessete milhões de opilados”; “Diagnóstico”; “Reflexos morais”; “A fraude bromatológica”; “A casa rural”; “As grandes possibilidades dos países quentes”; “Jeca Tatu – a ressurreição”.

Urupês compõe-se de treze contos que são verdadeiras fotografias de tipos humanos especiais. Destes, focalizaremos, em função da pro-

posta, os seguintes contos, na segunda parte: “O engraçado arrependido”; “A vingança da peroba”; “Meu conto de Maupassant”; “Bucolica”; “O mata-pau”; “O comprador de fazendas”; “Urupês”.

Parte 1 : Problema vital

“A ação de Oswaldo Cruz”

Neste conto, ao apresentar os dogmas que caracterizam o povo brasileiro (inteligência, sensatez, riqueza e ingenuidade), faz a seguinte afirmação: “Damos a impressão de um povo que estremucha no despertar dum longo sono de opio”. (p. 225)

Embora não faça referência ao uso do álcool, demonstra a visão do entorpecimento em que vive o homem brasileiro, atitude de não-reação, de passividade frente aos descabros sociais que, no cotidiano, é mantido pelo abuso do álcool.

Se à época o ópio era utilizado como medicação depressora e analgésica, hoje, pouco utilizado, é substituído, possivelmente, no imaginário do homem, pelo álcool, substância socialmente aceita, bastante estimulada e facilmente comercializada.

“Dezessete milhões de opilados”

Neste texto que delata a situação por que passam dezessete milhões de brasileiros, “criaturas derreadas no físico e no moral pela ancilostomose”, encontramos: “E ainda inclina o opilado ao vício da cachaça, lenitivo a que recorre para contrabater a permanente sensação de frio que o desequilíbrio sangüíneo acarreta.” (p. 233)

Verifica-se o uso da cachaça como vício, sem a referência à época, sem qualquer possibilidade de ser considerado também uma doença, como sabe-se hoje. Percebe-se que seu uso traz uma conotação de alívio corporal, uma falsa noção de “aquecimento”, mantida até os nossos dias.

“Diagnóstico”

Referindo-se às múltiplas doenças que assolam o povo brasileiro, além dos flagelos endêmicos – a opilação, a malária e a moléstia de Cha-

gas, a lepra, a sífilis, a tuberculose e a leishmaniose, montam o quadro perfeito para o motivo de um lenitivo: a cachaça.

Se a estas mazelas sertanejas agregarmos o quadro da degeneração fisiológica determinada pela cachaça, ficará completo o hediondo painel.

A cachaça!

É inimaginável a degradação a que ela arrasta milhões de roceiros, pobre gente que a ela recorre como ao único lenitivo.

Desnutridos pela parca e má alimentação, afriorentados pelas sezões, exaustos pela ancilostomose, deprimidos de espírito pelo tripanosoma, sem raio de instrução na cabeça, escravizados pelo “graúdo”, a cachaça é o oásis de esquecimento momentâneo onde a miseranda criatura repousa da vida infernal. Em troca dessa ilusão passageira a vítima não sabe que dá ao veneno da cana as últimas energias do combalido organismo. E a diabólica bebida para logo a derreia na demência, no crime ou no agravamento dos males a que por intermédio dela procurou fugir.

O encachaçado esquece – e esquecer a realidade, fugir dela por uns momentos: eis a preocupação constante de milhões de brasileiros!

(...) O urbanismo é um mal nocivo à espécie humana. Os vícios, o artificialismo, o afastamento da vida natural, o ar impuro, a moradia anti-higienica, se conjugam para romper o equilíbrio orgânico do homem citadino, rebaixando-lhe o tonus vital. (p. 254-55)

Percebe-se o uso da cachaça fora de um contexto que hoje se chamaria de “uso social”. Ele vem carregado de uma conotação de fuga da realidade, amenizador, mesmo que momentâneo e complicador futuro, dos problemas decorrentes da péssima qualidade de vida do homem do campo. Traz, ainda, claramente, o modelo urbano como o deturpador da qualidade que seria possível, no campo, pela proximidade com a natureza.

“Reflexos morais”

Assim inicia: “No corpo são a mente é sã. Este conceito acarreta recíproca verdadeira: em corpo doente, impossível um espírito sã.” (p. 259)

Fica clara a influência do álcool enquanto problematizador das questões físicas, visto que sua ação primeira se dá em nível cerebral, “en-

torpecendo”, provocando o esquecer da realidade. Portanto, mente comprometida não pode manter um corpo são.

“A fraude bromatologica”

Trata-se de uma crítica às condições de vida da população mundial e, em especial, à vida em São Paulo, “buzinada a quatro ventos” como modelar em matéria de defesa sanitária. Após diversas denúncias referentes à qualidade dos produtos colocados à disposição, escreve:

Em matérias de bebidas alcoolicas a Europa curva-se diante de S. Paulo.

Falsifica-se tudo.

Vermutes em garrafas legitimas são vendidas a 2 e 3 mil réis, analisados, revelaram até mirra e alcool alilico. Os conhaques idem.

Ha um grande comercio de garrafas vazias com os rotulos perfeitos; vidros vazios de perfumes de boa marca são pagos a 2 e 3 mil réis.

Quartolas vazias não ha que cheguem, tantos progressos faz o “Clos Bom Retiro”. A cidade de S. Paulo exporta unicamente pela Central e Sorocabana mais vinho do que o entrado por Santos. (...)

A cerveja leva acido salicilico e algumas são amargadas com acido picrico e nó de pinheiro do Paraná. De lupulo, zero. (p. 290-91)

Afirma ainda: “Há cigarros feitos com fumo lavado em gasolina e outros em cozimento de papoulas”. (p. 292)

Dois enganos: a “solução” da bebida e a “falsificação da bebida”.

“A casa rural”

Retratando basicamente o homem sertanejo, é preciso compreender o seu contexto, no “pincel” de Lobato: “Sertão é o deserto, a terra apenas pisada pelas sentinelas perdidas do povoamento. Tratos sem fim de territórios vazios, ao léu, com, de longe – léguas intermeio – casebres humilimos onde vegetam seres humanos.” (p. 313)

“As grandes possibilidades dos países quentes”

Reforçando o clima enquanto fator possível de estimulação do uso de bebidas alcoólicas: “A questão da degenerescência do homem nos climas tropicais preocupou sempre aos sociólogos, provocando várias teorias explicativas – engenhosas, tanto quanto vulneráveis às flechas da objeção.” (p. 322)

E ainda sobre as glórias biológicas apontadas:

Elas nos revelam de maneira flagrante que é nas regiões tropicais que a vida ascende ao esplendor máximo, apogeu de beleza e força. E é lógico que seja assim. A vida é filha do calor. O sol a criou, o sol a mantém, e o seu índice flutua em ascensão ou depressão conforme o habitat foge ou se aproxima dos gelos polares. Mais sol, mais calor: maior eclosão da vida. Mas se é assim, como esta lei falha mal entra em campo o homem? Por que degenera o homem justamente onde, por impulsão ambiente, deveria alargar-se ao apogeu? Por que na Amazonia, onde tudo alcança o máximo, só ele dá de si o mínimo?

Reflitamos.

(...)

A higiene, eis o segredo da vitória. A higiene é a defesa artificial que o civilizado criou em substituição da defesa natural que perdeu.

(...)

O nosso estado de profunda degenerescência física e decadência moral provem exclusivamente disso: desaparecimento de defesa higiénica. (p. 324-27)

O homem, ser dotado de estruturas mentais superiores – pensamento, vontade e linguagem, coloca-se à margem da natureza, impedindo seu próprio processo de preservação de forma adequada: as doenças, a falta de saneamento, o alcoolismo, contribuem para isso.

“Jeca Tatu – a ressurreição”

Assim Lobato retrata a figura do caboclo brasileiro: Jeca Tatu era um pobre caboclo que vivia no mato, numa casinha de sapé, com a mulher, que era muito magra e feia, e com os vários filhos, pálidos e tristes.

Nesta realidade, até o cachorro era magro e sarmento, apesar de bom companheiro e leal.

Por ser portador de verminoses que lhe davam o cansaço, o desânimo e a fraqueza, “passava os dias de cocoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem animo de fazer coisa nenhuma”, permitindo que todos se referissem a ele como um “grandíssimo preguiçoso”.

Tudo para ele não pagava a pena. Não pagava a pena consertar a casa, nem fazer uma horta, nem plantar árvores de fruta, nem remendar a roupa. Só pagava a pena beber pinga.

– Por que voce bebe, Jéca? diziam-lhe.

– Bebo pra esquecer.

– Esquecer o quê?

– Esquecer as desgraças da vida.

E os passantes murmuravam:

– Além de vadio, bebado...

Jéca só queria beber pinga e espichar-se ao sol no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jéca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.

(...)

– Além de preguiçoso, bebado e além de bebado, idiota, era o que todos diziam. (p. 330-31)

Após a interferência do médico:

O doutor receitou-lhe o remédio adequado; depois disse: “E trate de comprar um par de botinas e nunca mais me ande descalço nem beba pinga, ouviu?”

(...)

– Pois é isso, sêo Jéca, e daqui por diante não duvide mais do que a Ciencia disser.

– Nunca mais! Daqui por diante nha Ciencia está dizendo e Jéca está jurando em cima! T’esconjuro! E pinga, então, nem p’ra remedio.

(...)

Quero mostrar a esta paulama quanto vale um homem que tomou remedio de Nha Ciencia, que usa botina cantadeira e não bebe nem um só martelinho de cachaça! (p. 334-36)

O novo estilo de vida de Jeca Tatu modificou também sua visão cultural, valorizando a aprendizagem “da língua dos bifes”. “ – O Jéca só fala inglês agora. Não diz porco; é pig. Não diz galinha, é hen... Mas de alcool, nada... Antes quer ver o demonio do que um copinho da ‘branca’.”(p. 338)

E conclui: “Um país não vale pelo tamanho, nem pela quantidade de habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela qualidade da sua gente. Ter saúde é a grande qualidade de um povo. Tudo mais vem daí!” (p. 340)

Com Jeca Tatu, Lobato traça um perfil mordaz do homem do campo, analfabeto, ignorante, desprovido de qualquer condição de saúde, que lhe reforça a feiúra e a dos seus, representando a decadência biológica do homem. A discriminação social do urbano em relação ao campo amplia as desigualdades.

Em *Urupês*, o personagem é retomado. Portanto, novos comentários faremos a respeito, tendo em vista que lá, a alusão à cachaça é muito mais mordaz.

Parte 2: *Urupês*

“O engraçado arrependido” (1916)

Tem como personagem Francisco Teixeira de Souza Pontes, abastado fazendeiro que “vivera até ali a conta da veia comica... Sua moeda corrente eram micagens, pilherias, anedotas de inglês e tudo quanto bole os musculos faciais do animal que ri, vulgo homem, repuxando risos ou matracolejando gargalhadas”.

A seu respeito, diz o conto, numa pequena referência ao efeito hilariante da bebida: “Pontes ria parodiando o riso normal e espontaneo da criatura humana, unica que ri além da raposa bebede; e estacava de golpe, sem transição, caindo num serio de irresistível comico.” (p. 17)

Aos trinta e três anos, “farto de tal vida”, resolveu mudar, iniciando uma peregrinação em busca de um serviço sério. No entanto, sua empreitada não foi compreendida, sendo considerada como mais uma grande pilhéria por todos onde passava. Não bastasse outra chance, resolveu buscar um serviço público. “(...) o Estado, patrão cômodo e unico possível nas circunstâncias, porque abstrato, porque não sabe rir nem conhece de perto as celulas que o compõem.”

A história se desenrola (ou se enrola) na trama montada para assumir um cargo na Coletoria Federal, naquele momento, ocupado por um major de nome Bentes, portador de um aneurisma que, segundo os médicos, poderia estourar ao menor esforço e, “por avelhantado e cardíaco era de crer que não durasse muito”. Pontes resolveu “ajudar”, criando o esforço.

É neste contexto que aparece o *uso de bebidas*:

O futuro funcionario forjicou, então, meticulosos planos de campanha. Em primeiro era mister aproximar-se do major, homem recolhido consigo e pouco amigo de lérias; insinuar-se-lhe na intimidade; estudar suas venetas e cachacinhas até descobrir em que zona do corpo tinha ele o calcanhar d’ Aquiles.

(...)

Certa vez, findo o carnaval, reuniu o major os amigos em torno a uma enorme piabanha recheada, presente dum colega... O cheiro vindo da cozinha, valendo por todos os aperitivos de garrafaria, punha nas caras um enternecimento estomacal.

(...)

Entre goles de rica vinhaça a piabanha ia sendo introduzida nos estomagos com religiosa unção.

Ninguém se atrevia a quebrar o silencio da bromatologica beatitude. (p. 21-23)

Não tendo nenhum destaque especial no contexto da história, é bom apenas marcar que o álcool, enquanto bebida, estava lá, reforçado pelo ritual das reuniões sociais, nos bares e nos lares.

“A Vingança da Peroba”

Interessante conto em que o personagem, contador de vantagem e metido a valentão, dado a beber, acaba tendo uma bela surpresa, onde a pinga torna-se um “coadjuvante” no cenário da história.

Agravava a dissensão uma rivalidade quasi de casta. Pertencia Nunes à classe dos que decaem por força de muita cachaça na cabeça e muita saia em casa. Filho homem só tinha o José Benedito, d’apelido Pernambi, um passarico desta alturinha, apesar de bem entrado nos sete anos. O resto era uma recula de “familias mulheres” – Maria Benedita, Maria da Conceição, Maria da Graça,

Maria da Gloria, um rosario de oito mariquinhas de saia comprida. Tanta mulher em casa amargava o animo de Nunes, que, nos dias de cachaça, ameaçava afoga-las na lagoa, como se fossem uma ninhada de gatos.

O seu consolo era amimar Pernambi, que aquele ao menos logo estaria no jeito, a ajuda-lo no cabo da enxada, enquanto o mulherio inutil mamparreraria por ali, a espiolhar-se ao sol. Pegava, então, do menino e dava-lhe pinga. A principio com caretas que muito divertiam o pai, o engrimanço pegou lesto no vicio. Bebia e fumava, muito sôrna, com ares palermas de quem não é deste mundo. Também usava faca de ponta à cinta.

– Homem que não bebe, não pita, não tem faca de ponta, não é homem, dizia o Nunes.

E, concio de que era homem, o piquirinha batia nas irmãs, cuspi-lhava de esguicho, dizia nomes à mãe, alem de muitas outras coisas proprias de homem.

Do outro lado tudo corria pelo inverso. Comedido na pinga, Pedro Porunga¹ casara com mulher sensata, que lhe dera seis “familias”, tudo homem.

Foi assim que todo cheio de brios falou:

– Bóto mulher, bóto monjolo, bóto moenda, bóto até moinho! Hei de fazer a Porungada morder a munheca de inveja. Vai ver!...

Pedro Porunga soube logo da bravata. Riu-se e profetizou:

– Eh! Aquilo é fogo de jaca velho. Calor de pinguço não dura...

E Nunes prosperou. Vieram as chuvas, o milho “desembrulhava pendão” e ele precisava arrumar monjolo, e pensou, para isso, num compadre que era maneta, para assombro da mulher, filhos e até do cachorro.

Se a mulher emudecia, emudecia com ela a razão, porque o Teixerinha Maneta era um carapina ruim inteirado, dos que vivem de biscates e remendos. Só um bebado como o Nunes bacorejaria a ideia de meter a monjoleiro um taramela daqueles, maneta e, ainda

1 Mestre monjoleiro de larga fama, prosperava a cada dia e era comentado por todos, despertando em Nunes, por inveja, a vontade de mostrar que também seria capaz de prosperar.

por cima, cego de uma vista.
Mas era compadre e acabou-se. Bééé.

Precisando de madeira, derrubou a peroba que ficava na divisa dos dois terrenos, o de Nunes e o dos Porungas. Na realidade, a peroba era uma “velha arvore morta que era o marco entre os dois sitios, tacitamente respeitada de lá para cá”. Não é preciso dizer que a confusão foi formada. E, para não correr sangue, a Porungada foi embora dizendo:

- Você fica com o pau, o cachaceiro atôa, mas inda ha de chorar muita lagrima p'r amor disso...

A molhadela da garganta excedeu a quanta bebedeira tinham na memoria. Nunes, Maneta e Pernambi confraternizaram num bolo acachaçado, comemorativo do triunfo, até que uma soneira letargica os derreou pelo chão.

... Esvaidos os fumos da pinga, tornaram no dia seguinte à peroba, muito acamaradados. A cachaça cimentara o compradresco antigo, e a feitura do monjolo teve inicio com grande quebreira de corpo... Nunes não sabia coisa alguma, tirante embocar o gargalo e difamar a porungada.

Terminado o monjolo: “Recolheram cedo nesse dia, para solenizar o feito à custa dum ancorote de cachaça, que esvaziaram a meio.”

No entanto, não dando certo o funcionamento do monjolo, muitas tramas e conversas rolaram no lugar.

Aos ouvidos do Nunes foram bater tais rumores (...) Para acalmar a bilis Nunes dobrou as doses de cachaça.

(...)

Afinal veio a desgraça. (...) Certo dia soube Nunes que o José Cuitelo da Pedra Branca, outro compadre, pusera nome a uma egua lazarenta de Ronqueira. Era demais.

– Até o cachorro do Cuitelo! gemeu o mísero, passando a mão na garrafa.

Sorveu um gole e:

– Pernambizinho, vem cá. Bebe com teu pai, meu filho.

O menino não esperou novo convite: bebeu um, dois e tres goles, estalando a lingua. O resto da garrafa sorveteu-se no bucho do caboclo. Mal tonteado pelos efluvios do alcool, o menino banzou um bocado por ali e depois saiu. Nunes estirou-se ao sol para dormir.

(...)

Transcorrido uma hora o bebedo acordou, relanceou em torno os olhos mortiços.

(...)

– Chamem Pernambi, engrolou o bebedo, recaindo em cochilo.

(...)

Ninguém lhe responde. Não ha ninguém por ali. Mas no monjolo recrudescer a grita. Para lá segue o bebedo, cambaleante. Em caminho dá de cara com a mulher, que voltava descabelada, a falar sozinha.

– O que é? É tua obra cachaceiro do inferno! É a tua pinga, homem atôa, esterco imundo! Vá ver, vá ver, desgraçado!...

Esvaem-se-lhe os vapores do alcool e em semidemençia Nunes corre ao machado, ringindo os dentes, aos uivos. (p. 34-46)

Um contexto e uma parceria a refletir sobre o ponto de vista de prevenção: álcool e violência. E a história se repete dia a dia, mesmo sem monjolo.

“Meu Conto de Maupassant” (1915)

De uma conversa de trem, entre dois sujeitos, ouvi uma história que relatava o assassinato de uma velhinha, motivada pela visão de um velho saguaragi, uma árvore que foi comparsa no conto de Maupassant.

Havia um italiano, morador destas bandas, que tinha vendola na estrada. Tipo mal encarado e ruim. Bebia, jogava e por varias vezes andou às voltas com as autoridades.

(...)

Anos depois o caso reviveu. A policia obteve indicios veementes contra o italiano, que andava por São Paulo num grau extremo de decadencia moral, pensionista do xadrez por furtos e bebedices...

(p. 58-59)

Visualiza-se um padrão de pensamento da época: imigrante com vícios (jogo e bebida) traz decadência moral e está frequentemente relacionado com furtos e violência.

“Police Verso” (1916)

Um conto que retrata o orgulho do pai frente às proezas profissionais do filho que “cedo revelou aptidões para medico”. Para festejar um engodo, que acreditava ser mais uma das vitórias do filho, relatado em carta: “E os dois enxugaram, à uma, os copos de cerveja comemorativa mandada abrir pelo bem aventurado coronel.”

“Bucolica” (1915)

Conta o drama de uma garotinha que morreu de sede. Ninguém para ajudar. “São Pedro, aquele trapo, esse estava na pinga de todo o dia.” (p. 75)

O cenário é sempre o mesmo: a pinga mantendo o homem fora de casa.

“Urupês”

Talvez a mais mordaz das críticas ao homem sertanejo, enquanto representação da população que se vê vilipendiada por todas as agruras da ausência de cultura, saneamento, educação, inteligência, ousadia...

Nele, vê-se todos os heróis da pátria serem substituídos pela “raça do caboclo”. É o modelo indianista de Peri, com sua beleza de corpo e alma, suas plumas coloridas, “protótipo de tantas perfeições humanas”, como o sonhava Rousseau, sendo substituído pelo caboclicismo de Jeca Tatu. “Jéca Tatu é um piraquara do Paraíba, maravilhoso epitome de carne onde se resumem todas as características da espécie.”

Aconteça o que acontecer, o caboclo está sempre de cócoras:

O mobiliario cerebral de Jeca, a parte o succulento recheio de superstições, vale o do casebre. O banquinho de tres pés, as cuias, o gancho do toucinho, as gamelas, tudo se reedita dentro de seus miolos sob a forma de ideias: são as noções práticas da vida, que recebeu do pai e intactas transmitirá aos filhos. (p. 131)

Como não podia faltar em seu imaginário, a cachaça tem papel de destaque: “O veiculo usual das drogas é sempre a pinga – meio honesto de render homenagem à deusa Cachaça, divindade que entre eles ainda não encontrou hereticos.” (p. 132)

Para melhor elucidar o afiado corte do pincel de palavras de Monteiro Lobato, transcreveremos na íntegra como o escritor encerra a obra.

A modinha, como as demais manifestações de arte popular existentes no país, ó obra do mulato, em cujas veias o sangue recente do europeu, rico de atavismos estéticos, borbulha d'envolta com o sangue selvagem, alegre e são do negro.

O caboclo é soturno.

Não canta senão rezas lugubres.

Não dança senão o cateretê aladainhado.

Não esculpe o cabo da faca, como a cabila.

Não compõe sua canção, como o felá do Egito.

No meio da natureza brasilica, tão rica de formas e côres, onde os ipês floridos derramam feitiços no ambiente e a infolhecência dos cedros às primeiras chuvas de setembro, abre a dança dos tangarás; onde há abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, côr, perfume, vida dionísica em escachôo permanente, o caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas.

Só ele não fala, não canta, não ri, não ama.

Só ele, no meio de tanta vida, não vive... (p. 134)

“Reflexões”

Embora se tenha registro de práticas eugênicas desde a Grécia antiga, a eugenia ganha forma em 1869 com Francis Galton, passando a chamar a atenção no campo científico e político com repercussões em todo o mundo. Depois de passar por várias crises, na década de 1920 ganha novo vigor em função da grande discussão sobre a degeneração da raça no período após a Primeira Guerra.

Leonard Darwin, filho de Charles Darwin, foi acirrado defensor da instalação de leis eugênicas já praticadas na América. Torna-se um líder do movimento na Grã-Bretanha e presidente da Federação Internacional das Sociedades Eugênicas, herdeira da antiga Sociedade Eugênica, fundada em 1907.

O movimento de Hitler contra os judeus e a radical busca de uma raça pura ariana chama a atenção do mundo sobre a eugenia e suas repercussões sociais e políticas.

O Brasil, apesar de imensa miscigenação que o caracterizava, merecendo ser chamado “cadinho racial” (Freire-Maia, *apud* Bizzo, p. 96), não

ficou à margem do movimento, embora com forte desaprovação da Igreja Católica.

Em 1918 foi fundada a Sociedade Eugênica de São Paulo, tendo por presidente Dr. Renato Kehl. Manifestava preocupações de que os indivíduos doentios, fracos, não seriam capazes de reproduzir descendentes fortes e saudáveis.

Daí incentivar, estimular, promover a publicação de *Problema vital*, de Monteiro Lobato, pois os artigos publicados isoladamente chamavam a atenção para a problemática do saneamento básico, em especial sua precariedade na região do chamado sertão, caracterizando o homem do campo como uma mancha de qualidade do povo brasileiro, devendo ser “curado” ou eliminado pela própria doença.

Lobato foi cortante em suas críticas, sofrendo outras tantas de jornalistas que questionavam a veracidade de sua brasilidade tão decantada, sendo, por isso, considerado um puro seguidor do movimento eugênico.

Considerando “um dos quatrocentos degregados trazidos ao Brasil por Tomé de Souza”, o verdadeiro avô do caboclo brasileiro (Bizzo, p. 101), Lobato chama a atenção para algumas preocupações da degradação da raça, levantadas posteriormente e intimamente ligadas aos imigrantes estrangeiros que chegavam a São Paulo, como mostra o artigo de Vieira, intitulado “Imigração e hygiene mental”: “Em aqui chegando, taes indivíduos geralmente infectados pela *syphilis*, levam vida desregada, entregam-se ao alcool e não tardam a cair nas malhas da justiça.” (1928, p. 29)

Note-se que este mesmo teor aparece em *Urupês*, em “Meu conto de Maupassant”. Lobato, com sua destreza em representar os tipos humanos e os ambientes, trazia em sua literatura o imaginário de uma época. Daí a importância de se considerar a presença do álcool e do alcoolismo em sua obra neste tempo. A partir da análise deste contexto, pode-se ter uma linha histórica da problemática para subsidiar as interpretações atuais que se dão à resistência e da dificuldade das ações preventivas a respeito.

Lobato retrata o álcool como um coadjuvante do personagem humano em todos os momentos e situações da vida: como lenitivo para males do corpo e do espírito (*Problema vital*), nas festividades diversas (“Police verso”), na violência familiar e social (“A vingança da peroba”), nos ambientes onde a informação não chega (“Jeca Tatu”)...

A bebedeira como vício, sem-vergonhice, mau-caratismo da época, tão distante da concepção atual de alcoolismo como doença, chamando a atenção do dependente como alguém que merece ser retratado e não rechaçado como no contexto dos contos. Retoma a tendência de se evitar o

termo alcoólatra (adorador do álcool), como fazia o Jeca Tatu em *Urupês*: “a deusa Cachaça”, substituindo-o por alcoolista, o portador da doença do alcoolismo.

A referência ao “longo sono do ópio”, enquanto estado de letargia proporcionado por uma substância entorpecente de uso clínico e controlado, nos remete à situação atual da discussão do uso controlado de inúmeras substâncias psicoativas para uso médico e a polêmica da descriminação da maconha, enquanto possuidora de alguns princípios ativos de interesse médico. No entanto, é possível também fazer uma analogia do estado de entorpecimento dado pelo ópio à época, ao que se vê em grande parte da população usuária, dependente ou não, em relação ao álcool. Pesquisas atuais mostram que no mundo inteiro e, em destaque neste trabalho, no Brasil, jovens fazem uso abusivo do álcool, desconhecendo seus reais malefícios, em troca de momentos prazerosos e descontração compulsória.

No entanto, sem negar a contribuição da obra de Lobato para repensar a questão da saúde e de sua interface com a educação no Brasil, não podemos deixar de contextualizá-la. Lobato era um reacionário, ferrenho representante de um projeto nacionalista, retomando um antigo discurso eugenista pela ótica da modernidade.

Sob o ponto de vista da educação brasileira, a obra ajuda a retomar algumas preocupações atuais: a crise da saúde, a fome, a miséria, o des-caso político, os meios de comunicação de massa a serviço de produtos que colocam em jogo a qualidade de vida do brasileiro, o narcotráfico, a violência urbana e do campo, os sem-terra, os sem-teto, os excluídos, os confinados, os eliminados, os sobrantes... Qual a política educacional que está posta e qual o papel das universidades brasileiras e dos programas de pós-graduação na indicação de caminhos a seguir?

Desvelar, discutir, exercer a dúvida, denunciar, prevenir... Esta a intenção deste pequeno ensaio.

RESUMO

Num contexto em que se discute os rumos da educação brasileira, onde estão imbricadas questões de bioética, de fome, de miséria, de desemprego, descriminação de drogas, casos de alcoolismo e outras drogas na escola, a pandemia da AIDS, doenças ligadas a aspectos de saneamento básico, entre outros, fazer o uso da “metáfora da toupeira” (Bizzo), indo “cavar” no início do programa eugênico brasileiro alguns dos principais pensamentos da época, pode (quicá) auxiliar a melhor desvendar a “compactação da terra” que forma o solo fértil do conhecimento atual. Assim é que, em Monteiro Lo-

bato, consagrado escritor e figura de destaque na memória cultural brasileira, pela forte participação nas causas nacionais de sua época, vamos buscar interpretar até que ponto o uso do álcool e o alcoolismo fazem parte do “conjunto de taras a ser extirpado da identidade brasileira a fim de remover obstáculos ao desenvolvimento nacional” (Bizzo, p. 99). Escolhemos as obras escritas em 1918, *Urupês* e *Problema vital*, por retratarem os problemas do povo brasileiro, e ter sido a publicação de *Problema vital*, promovida como primeiro ato da fundação da Sociedade Eugênia de São Paulo, em 1918, junto com a Liga Pró-Saneamento do Brasil, tendo como prefaciador o Dr. Renato Kehl, seu presidente. De certa forma, Monteiro Lobato estava servindo de “referencial para qualquer estudo sobre eugenia no Brasil”. (Bizzo, p. 100)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIZZO, N. M. V. *Meninos do Brasil: idéias de reprodução, eugenia e cidadania na escola*. São Paulo: FEUSP, 1994.
- LOBATO, J. B. M. *Problema vital*. São Paulo, 1918.
- _____. *Urupês, outros contos e coisas*. 2.^a ed. São Paulo: Nacional, 1945.
- VIEIRA, M. Imigração e hygiene mental. *Educação. Órgão da Diretoria Geral da Instrução Pública e da Sociedade de Educação de São Paulo*, v. 3, n.1, abr./jun., 1928.